



O ministério de Jesus

Profético, multiétnico e multicultural

Por Berla Andrade, Caracas, Venezuela

Jesus voltou para a Galiléia no poder do Espírito, e por toda aquela região se espalhou a sua fama. Ensinava nas sinagogas, e todos o elogiavam.

Ele foi a Nazaré, onde havia sido criado, e no dia de sábado entrou na sinagoga, como era seu costume. E levantou-se para ler. 17 Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías. Abriu-o e encontrou o lugar onde está escrito:

*“O Espírito do Senhor
está sobre mim,
porque ele me ungiu
para pregar boas novas
aos pobres.*

*Ele me enviou
para proclamar liberdade
aos presos
e recuperação da vista
aos cegos,
para libertar os oprimidos
e proclamar o ano da graça
do Senhor”.*

Então ele fechou o livro, devolveu-o ao assistente e assentou-se. Na sinagoga todos tinham os olhos fitos nele; e ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir”. Todos falavam bem dele, e estavam admirados com as palavras de graça que saíam de seus lábios. Mas perguntavam: “Não é este o filho de José?”

Jesus lhes disse: “É claro que vocês me citarão este provérbio: ‘Médico, cura-te a ti mesmo! Faze aqui em tua terra o que ouvimos que fizeste em Cafarnaum’”.

Continuou ele: “Digo-lhes a verdade: Nenhum profeta é aceito em sua terra. Asseguro-lhes que havia muitas viúvas em Israel no tempo de Elias, quando o céu foi fechado por três anos e meio, e houve uma grande fome em toda a terra. Contudo, Elias não foi enviado a nenhuma delas, senão a uma viúva de Sarepta, na região de Sidom. Também havia muitos leprosos [\[b\]](#) em Israel no tempo de Eliseu, o profeta; todavia, nenhum deles foi purificado — somente Naamã, o sírio”.

Todos os que estavam na sinagoga ficaram furiosos quando ouviram isso. Levantaram-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o topo da colina sobre a qual fora construída a cidade, a fim de atirá-lo precipício abaixo. Mas Jesus passou por entre eles e retirou-se

Lucas 4: 14-30 (NVI)

Reflexão

As marcas de um profeta são inconfundíveis. Um profeta manifesta-se ao observar o silêncio e a indiferença em relação ao sofrimento e à opressão sentidos pelas vítimas de uma sociedade injusta, que não trata as pessoas da mesma maneira. Os profetas ousam se envolver com a realidade, com a compaixão que Deus tem pelas pessoas vitimizadas. Eles estão acostumados a ser diferentes e passam a vida toda agindo de maneira diferente, expondo a injustiça e encorajando mudanças e a conversão.

Jesus não foi apenas um profeta, mas agiu como tal. Sua vida foi um exemplo da tradição profética de Israel. Não podemos ignorar a dimensão profética do ministério de Jesus ou a força motriz do *Ruah* divino, guiando-o e motivando-o a fazer da dignidade uma realidade para todas as pessoas.

Na Galileia, talvez tenham gritado “um grande profeta apareceu entre nós”, mas, em Nazaré, as pessoas recusaram-se a abraçar sua visão inclusiva e “levantaram-se [e] expulsaram-no da cidade...”. Enquanto igreja e discípulos de Jesus, não podemos ignorar a dimensão profética do ministério de Jesus da Galileia. Jesus ensinava “em suas sinagogas”. Lucas nos mostra um Jesus enraizado na tradição judaica, fiel à sinagoga e observador do Sábado. O que ele lia na sinagoga é o relato mais antigo que temos de um culto em uma sinagoga. Há evidências de que a Lei era lida ciclicamente e o leitor tinha permissão para escolher seu próprio texto. A escolha de Jesus mostra para quem ele tinha vindo – as pessoas pobres, cativas, cegas e oprimidas. A própria nação em que Jesus estava lendo era uma nação pobre, cativa e oprimida. A visão de Jesus era abrangente, inclusiva e ampla. Ele alcançava tanto os judeus quanto os gentios. Um estudo do texto revela que muitas pessoas que ouviam a Jesus não compartilhavam da sua perspectiva inclusiva, multiétnica e multicultural. Lucas citou Isaías para provar a natureza profética e inclusiva do ministério de Jesus, ou seja, um ministério que não discriminava entre judeus e gentios, uma raça ou outra, uma cultura ou outra. Essa característica de Jesus é refletida nos Evangelhos e era intrínseca em sua missão. É interessante notar que a reflexão e a explicação de Jesus sobre o texto de Isaías que ele leu na sinagoga é sobre salvação, não julgamento, inclusão ou não exclusão. Eram, de fato, Boas Novas para as pessoas vulneráveis.

A mensagem profética de Jesus ainda ressoa nos dias de hoje. O tempo de espera acabou. As promessas são cumpridas. Ele declara um novo tempo, “o ano da graça do Senhor”, o ano do Jubileu – o retorno dos judeus à terra de seus ancestrais, o perdão das dívidas e a liberdade para os escravos. Um verdadeiro ano de Jubileu, um tempo de esperança.

Jesus, cheio do Espírito Santo, proclamou sua missão em Nazaré, anunciando o ano do Jubileu, o tempo da graça, o símbolo do grande ideal, o advento de uma sociedade livre de injustiças, desigualdades e discriminações, livre de preconceitos xenófobos, pronta para aceitar a singularidade do outro e as mudanças.

Perguntas para reflexão

1. Sentimos a necessidade de despertar um espírito profético em nossos ministérios junto às comunidades?
2. A que se assemelharia, na época atual, um cristianismo com o espírito profético de Jesus em uma igreja que pudéssemos chamar de multiétnica e multicultural?
3. A partir da perspectiva de uma igreja multiétnica e multicultural, o que significa aprender a viver de acordo com o espírito profético do ministério de Jesus?
4. Jesus leu um texto de sua própria escolha na sinagoga. O que isso nos diz sobre a leitura de textos sagrados em nossas comunidades? Qual é a relação que encontramos entre a leitura desse texto e a prática de Jesus?
5. Jesus sentiu-se chamado pelo Espírito Santo. Como isso se manifestou na vida dele? O que isso nos diz sobre a relação entre a espiritualidade e os estilos de vida?
6. Você poderia descrever o caráter multiétnico e multicultural do ministério profético de Jesus à luz desse texto bíblico sobre o qual estamos refletindo?

Oração

Espírito de Deus, sopra em nós uma nova vida. Envia-nos às pessoas vulneráveis e diferentes. Amém.



O poder de Deus em conhecer os outros

A visão de Deus de uma comunidade de amor e pertencimento

Drew Jennings-Grisham

Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?”

Ele lhes respondeu: “Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava.

Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de todas as nações do mundo. Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: “Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando? Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua!”

Atos 1:6-8, 2:1-11 (NVI)

Reflexão

Na abertura do Livro de Atos, lemos que os discípulos de Jesus estavam tentando compreender o que a ressurreição significa. O líder de seu movimento havia derrotado a morte, o poder supremo que sempre abrevia ou acaba com os movimentos. Seja por meios legais, seja por meios ilegais, a violência e a morte sempre foram os poderes usados pelas pessoas para controlar e dominar os outros. Mas agora Jesus está vivo novamente! Em seguida, os discípulos vieram até ele e lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?”

Enquanto povo que havia sido vítima da opressão e da ocupação imperial e que ansiava pela restauração que Deus lhes havia anunciado por meio dos profetas, os amigos de Jesus acharam que talvez agora, que eles tinham um líder invencível, fosse o momento de tomar o poder para derrubar seus opressores e restaurar o controle israelita sobre o seu território. Eles refletem o desejo humano em comum de viver em paz, segurança e comunidade, mas sua imaginação estava presa à maneira do mundo de tentar concretizar esse sonho – exercer poder sobre os outros, usar o poder para proteger as fronteiras e forçar qualquer um que fizesse parte da comunidade a integrar-se ou desaparecer.

Jesus não ignorou a pergunta dos discípulos. Ele compreendeu o desejo que tinham. E, curiosamente, respondeu que eles realmente receberiam poder. No entanto, lemos em Atos 2 que o nosso desejo por segurança, conforto e relações justas na comunidade não será alcançado por meio do exercício da força sobre os outros. Nessa passagem, o poder que Jesus prometeu a seus discípulos viria por meio do derramamento do Espírito Santo e não consistia no poder de vencer o inimigo – algo que eles tanto esperavam. Em vez disso, vemos que o Espírito capacitou-os a falar nas línguas maternas de outras nações.

Pessoas de todas as partes do Império Romano, que falavam diferentes línguas e eram de diferentes culturas, todas buscando a Deus, ouviram os discípulos falarem em suas próprias línguas maternas! O sonho de Deus de conciliar todas as coisas é que todas as pessoas sejam ouvidas e compreendidas na mais íntima das línguas – aquela em que nossa mãe nos falava quando éramos crianças, aquela que toca em nosso coração e nos fala mais profundamente. Deus entra em nossas culturas e, aqui, o Espírito revelou a essa nova comunidade de discípulos de Jesus que, para demonstrar quem Jesus é para o mundo, eles também precisavam cruzar fronteiras e abraçar intimamente os outros. O poder de Deus não se revela como o desejo de governar sobre os outros, mas sim no desejo *pelos* outros, de entrar em um relacionamento com eles. A vinda do Espírito Santo inaugurou uma nova era na visão de Deus, de unir as pessoas em plena comunhão, em meio à nossa maravilhosa diversidade.

Essa é uma comunidade formada e orientada pelo Espírito, nascida da comunidade de amor que é Deus. Em João 17, Jesus ora ao Pai pelos seus discípulos para que eles “sejam um, assim como somos um” (v. 11), e por aqueles que se tornariam seus discípulos, “para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti” (v. 21). Essa foi a única coisa que Jesus pediu em nosso favor. Não para que pudéssemos convencer as pessoas com o nosso discurso ou fazer grandes sinais e maravilhas. Apenas unidade. E, surpreendentemente, nessa oração Jesus afirma que a unidade entre seus discípulos e entre eles e Deus seria suficiente para que o mundo soubesse que Jesus foi enviado pelo Pai e que Deus ama o mundo (v. 21 e 23). Somos enviados por Jesus ao mundo da mesma forma que Jesus o foi. Em Atos 2, o Espírito deixa bem claro que essa unidade requer incluir todos os povos. Torna-se claro em Atos que essa unidade só pode ser alcançada pelo poder do Espírito e por meio do sangue de Jesus, que nos chama à unidade.

Mas quando realmente nos esforçarmos para conhecer e amar os outros, para aprender a falar, pensar e sentir como o nosso próximo e sermos transformados uns pelos outros e por Cristo, esse tipo de comunidade fará com que Jesus seja irresistível, porque é o poder de Deus. Isso também causará sofrimento aos que vivem nesse tipo de comunidade, porque a sua existência ameaçará os poderes e as pessoas que sentem que a única maneira de manter seu senso de identidade e controle é dominar os outros e elas não aceitarão que as fronteiras sejam atravessadas.

Então, qual é o valor de aprender outra língua, conhecer outros povos e outras maneiras de ver e estar no mundo? Qual é o valor de nos unirmos a eles? Por que nos preocupamos em aprender a língua falada por outras pessoas? É simplesmente para poder usá-las ou comunicar uma mensagem que precisamos dar a elas? Devemos aprender que quando nos unimos aos outros, entramos em seu contexto não apenas para mudá-los, mas para sermos mudados. Podemos conhecer e experimentar Deus de maneira mais profunda e nova, porque nosso conhecimento e amor mútuos estão intimamente ligados ao nosso conhecimento a respeito de Deus e ao nosso amor por Ele. O desejo de Deus de entrar em nossa vida e nos convidar a participar da dança divina do amor exige que atravessemos fronteiras e nos unamos uns aos outros. Esse é o verdadeiro sinal do amor de Deus pelo mundo e a verdadeira demonstração de seu poder.

Perguntas para reflexão

1. A quem o Espírito Santo está convidando você a se unir?
2. Como seria a igreja se a nossa prioridade número um fosse a unidade, se nos esforçássemos para aprender com o próximo e passássemos a conhecê-lo? E se compreendêssemos que essa unidade na diversidade da nossa comunidade é a melhor ferramenta para difundir o amor de Cristo? Como isso mudaria o foco dos nossos programas e atividades ministeriais e até mesmo a nossa vida diária?

Oração

Pai, dá-nos graça para irmos aonde o senhor nos levar. Senhor Jesus, que o teu despojamento e a tua cruz sejam modelos para a nossa vida em conjunto. Espírito Santo, concede-nos a capacidade de discernir o teu mover e de desejar verdadeiramente conhecer os outros. Ajuda-nos a ouvir, a aprender a conviver com os nossos desconfortos e a não tentar manter as nossas barreiras. Ajuda-nos a viver juntos de tal forma que sejamos como uma denúncia viva das fronteiras que separam e integram por meio da força e da dominação e, assim, sejamos uma demonstração viva do amor do Criador pela criação.



Encontros que transformam a vida

Jocabed R. Solano Miselis

No dia seguinte, por volta do meio-dia[a], enquanto eles viajavam e se aproximavam da cidade, Pedro subiu ao terraço para orar. Tendo fome, queria comer; enquanto a refeição estava sendo preparada, caiu em êxtase. Viu o céu aberto e algo semelhante a um grande lençol que descia à terra, preso pelas quatro pontas, contendo toda espécie de quadrúpedes, bem como de répteis da terra e aves do céu. Então uma voz lhe disse: “Levante-se, Pedro; mate e coma”. Mas Pedro respondeu: “De modo nenhum, Senhor! Jamais comi algo impuro ou imundo!” A voz lhe falou segunda vez: “Não chame impuro ao que Deus purificou”. Isso aconteceu três vezes, e em seguida o lençol foi recolhido ao céu

Atos 10:9-16 (NVI)

Reflexão

Marta estava muito entusiasmada porque no dia seguinte ela faria a sua primeira viagem missionária. Evangelizar uma comunidade indígena era um sonho que ela tinha. Ela ia visitar o povo de uma nação milenar chamada Gunadule, na região de Abya Yala (na América Latina e no Caribe). Ela preparou sua mochila, incluindo uma lanterna, comida, um saco de dormir, uma garrafa de água, repelente, um telefone celular e sua pequena Bíblia de viagem. Durante sua preparação missionária, eles lhe ensinaram como ela deveria evangelizar e haviam preparado a mensagem que ela compartilharia com o povo Gunadule. Sua oração e seu desejo eram que eles conhecessem Deus. Quando chegou ao local, ela observou que todos estavam cultivando a terra com prazer, semeando e fazendo as refeições juntos com alegria. Naquele mesmo dia, nasceu um bebê, que foi apresentado em uma cerimônia chamada “Minha Primeira Árvore”, realizada quando um bebê nasce e durante a qual todos os membros da família dão graças a Deus pela sua vida. Ao plantarem a semente, eles reconhecem sua interdependência e unidade em Deus, seus familiares, seus ancestrais e a Terra. Marta nunca tinha visto nada parecido com essa celebração entre a comunidade e a Terra. Ela sabia que algo significativo estava acontecendo. Essa coexistência despertou algo especial dentro dela. Todos nós temos encontros que nos transformam para o bem ou para o mal.

Contexto

Pedro era judeu. Embora não fosse fariseu, ele observava alguns dos costumes e princípios da religião judaica. Ele era da aldeia da Galileia, conhecida na época do Novo Testamento como mais tolerante do que a população de Jerusalém. Mesmo assim, segundo sua compreensão da missão de Deus, os gentios não eram uma prioridade. Essa visão de mundo estava enraizada no que os judeus compreendiam a respeito de Deus – seu paradigma sobre a singularidade dos outros estava baseado em sua ideia de como Deus é.

Histórias de conversão

As histórias encontradas no capítulo 9 do Livro de Atos a respeito da conversão de Paulo e da de Pedro, no capítulo 10, permitem-nos propor que para compartilhar a mensagem de reconciliação de Jesus precisamos de uma conversão da nossa visão a respeito de Deus e dos outros – Paulo, a partir de sua filosofia de que o judaísmo era a única religião verdadeira, e Pedro, a partir da crença de que somente os judeus que seguissem Jesus eram aceitos no Reino de Deus. Ambos tinham uma teologia fortemente etnocêntrica. Hoje em dia, quais teologias são baseadas em nossos etnocentrismos e não nos permitem reconhecer Deus nas outras pessoas?

Encontros que transformam, com base nas experiências de Pedro e Marta

Vamos interligar as duas histórias. Onde elas se cruzam?

De que maneira Pedro e Marta são parecidos? A experiência de Marta não parece ser a mesma que Pedro teve quando visitou Cornélio. Sua visão de mundo em relação aos gentios era distorcida e tendenciosa por conta da sua compreensão de quem eram as outras pessoas, até que Deus interveio e lhe deu uma visão. A imagem que Deus lhe apresentou era de animais que os judeus consideravam impuros. Nela havia “toda espécie de quadrúpedes, bem como de répteis da terra e aves do céu”. Pedro ouviu uma voz que lhe dizia: “Levante-se, Pedro; mate e coma”. Quando encontramos culturas muito diferentes da nossa, qual é a nossa reação em relação às outras pessoas? A reação de Pedro foi de negação, ainda que fosse Jesus convidando-o a comer. Reconhecer Jesus naquilo que nos parece impuro só acontece quando podemos ver a partir da perspectiva da geografia da graça e ver Deus nas outras pessoas. É o nosso encontro com os outros que nos permite nos encontrarmos com Deus e conhecer o que está no coração de Jesus – que todos somos convidados a viver a nossa fé n’Ele, de acordo com a nossa própria identidade. Mas, muitas vezes, a visão de mundo de que uma coisa ou outra é impura impede-nos de reconhecer Jesus e afastar-nos de seu Evangelho.

O que podemos aprender com essa história e colocar em prática?

Para compartilhar o Evangelho de Jesus, precisamos desconstruir a teologia etnocêntrica e nossa visão a respeito dos outros. Somente quando experimentamos um processo de transformação em nossa percepção de quem é Deus e de quem são os outros, podemos compartilhar as Boas Novas. Não podemos comunicar uma mensagem de reconciliação se não acreditarmos em um Deus que não demonstra parcialidade nem favoritismo. Paulo teve de reconhecer que estava perseguindo os discípulos de Jesus (que, de acordo com sua espiritualidade, eram “os outros”). Pedro teve de reconhecer que não devia chamar de impuro o que Deus purificou. Ambos precisaram aprender a reconhecer Deus, o Deus das nações, que abraça a todos. Nas palavras de Pedro:

“Agora percebo verdadeiramente que Deus não trata as pessoas com parcialidade, 35 mas de todas as nações aceita todo aquele que o teme e faz o que é justo”

Atos 10: 34-35, NVI

Atos 10:34-35 é um convite pertinente para que a Igreja atravesse as fronteiras teológicas erguidas pelo nosso etnocentrismo e, a partir dali, desconstrua a nossa missiologia e eclesiologia, de modo que as barreiras sejam derrubadas e nos seja permitido criar pontes de diálogo com a singularidade dos outros.

Algumas breves implicações que podemos aprender com essa história:

- A imagem que temos de Deus influencia a maneira como nos relacionamos com as outras pessoas (com o forasteiro, os considerados impuros e os que são diferentes de nós).
- Para ver Deus nas nações do mundo, precisamos de uma conversão da nossa visão de mundo que nos conduza à coexistência: a geografia da graça que nos permite vê-lo onde antes não o víamos.
- É essencial desconstruir o significado do que cremos ser “puro”. Quando nos aproximamos de pessoas que não são iguais a nós, a partir de uma posição de superioridade, não recebemos a graça: falta-nos a capacidade de ver quem Deus é e o que Ele tem feito com os outros.
- É necessário que atravessemos as nossas fronteiras teológicas por meio de uma conversão e transformação que nos permitam compreender a experiência dos outros com uma atitude de graça e com uma visão do Reino de Deus.

O desenrolar da história dá a ideia de que somente quando Pedro experimentou uma conversão em sua teologia em relação a quem Deus é e quem são os outros (nesse caso, Cornélio e seus familiares), ele foi capaz de comunicar a mensagem da paz. O que isso nos permite dizer é que, para sermos mensageiros das Boas Novas, precisamos ser transformados pelo Deus que inclui todas as pessoas. O aspecto central dessa experiência de encontro com outras pessoas é a manifestação e a presença do Espírito de Deus, que valida a comunidade que sempre esteve no coração de Jesus. Ao nos abriremos para as experiências dos outros, conseguimos compreender melhor o que está no coração de Deus e abraçar o caminho da graça para o qual Ele nos convidou.

Perguntas para reflexão

1. Você já se perguntou se poderia aprender algo a respeito de Deus a partir de culturas diferentes da sua?
2. Que desafios essa história do Livro de Atos lhe mostra ser necessário enfrentar em nossa jornada enquanto discípulos de Jesus?
3. O que Marta aprendeu com o povo Gunadule sobre o relacionamento que eles têm com Deus e com a comunidade?

Oração

Senhor, dá-nos olhos para vermos a graça onde não a vemos.

Mãos para realizarmos com entusiasmo e compaixão a tua vontade para com os outros.

Para abraçarmos e acolhermos a nossa diversidade.

Dá-nos pés para dançarmos uns com os outros e criarmos um círculo de união ao teu redor, Jesus.

Dá-nos ouvidos para recebermos as tuas Boas Novas na criação e nas nações ao redor do mundo.

Dá-nos olfato para sentirmos o cheiro do teu reino, Jesus, ao longo do caminho.

Venha o teu reino, Senhor.



Babel, diversidade cultural, idiomas e identidade

Estudo bíblico com base em Gênesis 10 e 11

Frank Paul e Drew Jennings-Grisham

Cuxe gerou também Ninrode, o primeiro homem poderoso na terra. Ele foi o mais valente dos caçadores, e por isso se diz: “Valente como Ninrode”. No início o seu reino abrangia Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinear[d]. Dessa terra ele partiu para a Assíria, onde fundou Nínive, Reobote-Ir[e], Calá e Resém, que fica entre Nínive e Calá, a grande cidade

No mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar.

Saindo os homens do[a] Oriente, encontraram uma planície em Sinear e ali se fixaram.

Disseram uns aos outros: “Vamos fazer tijolos e queimá-los bem”. Usavam tijolos em lugar de pedras, e piche em vez de argamassa. Depois disseram: “Vamos construir uma cidade, com uma torre que alcance os céus. Assim nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da terra”.

O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E disse o Senhor: “Eles são um só povo e falam uma só língua, e começaram a construir isso. Em breve nada poderá impedir o que planejam fazer. Venham, desçamos e confundamos a língua que falam, para que não entendam mais uns aos outros”.

Assim o Senhor os dispersou dali por toda a terra, e pararam de construir a cidade. Por isso foi chamada Babel[b], porque ali o Senhor confundiu a língua de todo o mundo. Dali o Senhor os espalhou por toda a terra.

Gênesis 10:8-12 e 11:1-9 (NVI)

Reflexão

Para a maioria das pessoas no planeta, a globalização significa tecnologias modernas, o idioma inglês sendo usado como língua mundial e um sistema econômico no qual todas as coisas se tornam mercadorias e todos passam a ser consumidores. Algumas culturas tornam-se dominantes: todos devem consumir a “nossa”

música, comida e conteúdo de mídia, todos devem se vestir de acordo com a “nossa” última moda: ser magro e de pele clara são definidos como um ideal de beleza universal.

A coexistência pacífica e interdependente em meio à diversidade cultural pode ser uma realidade hoje em dia? Isso é realmente algo pelo qual devemos lutar?

Em Gênesis 10 e 11, encontramos uma genealogia enriquecida por duas narrativas. Ambas têm a ver com a cidade de Babel, na terra de Sinear. Ambas são sobre poder: Ninrode, o primeiro homem “poderoso”, e a cidade das pessoas poderosas, cujo nome e torre chegam ao céu. Desde sua primeira menção aqui e ao longo de toda a Bíblia, a Babilônia representa o poder opressivo e violento.

Em Gênesis 10, relata-se que os três filhos de Noé tinham vivido em diferentes regiões, mas faz-se uma afirmação em relação a todos os três: “...conforme seus clãs e línguas, em seus territórios e nações” (10:5, 20 e 31). Assim, descobrimos que a diversidade étnica e linguística já era uma realidade e, na verdade, 70 povos diferentes foram mencionados! O número 70 representa completude, o que é sugerido como sendo a intenção de Deus. O que ajudou a definir as identidades desses povos? Família, território, língua e a compreensão de que formavam uma nação. Nenhum grupo de pessoas pode renunciar a esses pilares de forma permanente.

A primeira inserção narrativa na genealogia refere-se à pessoa de Ninrode, “um guerreiro poderoso” e “o mais valente dos caçadores” (uma antiga metáfora usada para se referir ao conquistador de outras nações) que estabeleceu grandes cidades (10:8-12). Esse descendente de Noé é descrito como sendo o primeiro a construir um império com dois centros: na terra de Sinear e, posteriormente, na Assíria. Sua história situa-se no contexto dos pais fundadores de outras nações e línguas já existentes. Ninrode é retratado como sendo a primeira pessoa expansionista em todos os aspectos: ele usava ferramentas e armas para expandir seu próprio domínio e espalhar a sua família em territórios alheios, chegando a fazer isso “diante do Senhor”.

Depois dessa “lista de nações”, lemos a história do que aconteceu na “Torre de Babel”. Nos versículos 1 e 9, encontramos as palavras que compõem o tema daquele texto: “terra e língua”. As palavras de abertura definem o cenário: “no mundo todo havia apenas uma língua, um só modo de falar”. Sabemos, por conta do capítulo anterior, que não era bem assim, o que significa que esse deve ter sido o sentimento do povo de Ninrode, que conquistou as terras de Sinear. Essas pessoas avançaram para o leste (ou a partir do leste) e estabeleceram-se na terra de Sinear, para dali se espalharem e exercerem poder sobre muitos outros povos. Elas fizeram o que todos os impérios fazem a fim de normalizar seu poder: conquistar outros povos, permitir o uso de apenas uma língua e tentar criar uma identidade nacional por meio de estruturas monumentais, além de poder militar e religioso.

Como não havia rochas e pedras na planície do Tigre para a construção, usavam-se tijolos de argila seca. O asfalto também era utilizado: descobriu-se que ele poderia ser facilmente produzido por meio do aquecimento do petróleo bruto, que era abundante na região. É assim que a cultura humana se desenvolve e cresce: resolvendo problemas! Para o trabalho de construção e o abastecimento de alimentos, um número enorme de trabalhadores de outras nações foi escravizado – exatamente a mesma experiência pela qual Israel passou no Egito.

Ninrode tinha grandes ambições para o seu projeto, mas, em vez disso, *Yahweh* (o Senhor) “desceu”. Nesse texto, a passagem mostra um humor incrível: Deus desceu para ver o que as pessoas “lá de baixo” haviam feito! Não foi mencionado que Deus estava com raiva, Ele estava apenas interessado em suas criaturas. Especialmente depois da catástrofe do dilúvio, Ele estava particularmente interessado em que nem tudo desse errado!

Portanto, Deus desceu para deter o plano imperialista do povo de Babel. Em linguagem bíblica, “Deus desceu” não significa que Ele tenha descido para condenar! Pelo contrário, Deus veio para libertar o seu povo e acabar com a sua opressão, assim como quando Deus libertou o seu povo do poder dos egípcios para levá-lo à Terra prometida (Ex 3:8 e Atos 7:34). João afirmou que o Filho de Deus não veio à terra para condenar,

mas para perdoar, salvar e libertar (João 3:17). O Espírito Santo vem para confirmar o evangelho da salvação e da libertação numa visão global multilíngue e para capacitar a igreja de Jesus Cristo com a força das alturas.

A decisão de Deus de descer e confundir a língua para que ninguém entendesse os outros não é, portanto, um castigo para todos, mas um ato divino de libertação que detém as ambições de um povo prepotente. Não é dito que as diferentes línguas e povos foram criados naquele momento (leia Gênesis 10:5, 20 e 31), mas sim que suas línguas foram confundidas – uma medida eficaz para deter o império babilônico.

Portanto, Deus interveio para fazer com que o futuro fosse possível: a diversidade e a liberdade dos povos, línguas, culturas e sua(s) história(s). Sua língua foi confundida porque um governante e seu povo com sua língua (nacional) se impuseram sobre todos os demais. O pecado focado aqui é a violenta globalização do poder e da língua por parte de um povo: a bênção proporcionada pelo Criador para a humanidade é a diversidade cultural!

Nossas muitas línguas não são o resultado do pecado humano ou mesmo do castigo divino, mas é a vontade de Deus. Portanto, alcançar as aspirações de um povo à custa dos demais, das suas famílias, culturas e símbolos que compõem sua própria identidade, é algo contrário ao futuro pretendido por Deus.

Na revelação de João, Babel (a prostituta) é descrita como alguém que governava sobre povos, nações e línguas (Apocalipse 17:15): seus pecados “acumulavam-se até o céu” (18:5). O que Ninrode não conseguiu fazer com rochas e pedras, os babilônios alcançaram com sua política de opressão! No entanto, a prometida descida de Deus com a Jerusalém celestial (21:1-7) teve, mais uma vez, um efeito libertador, salvando os santos e acabando com o sofrimento e a morte que habitavam entre eles. No final, as nações não se dissolveram, mas foi-lhes permitido viver à luz de Deus. E seus reis devem oferecer sua glória ao Senhor dos senhores.

Desde o primeiro livro da Bíblia até o nascimento da comunidade cristã e o último livro da Bíblia, vemos o que Deus criou para suas criaturas e sua identidade: território, diversidade linguística/cultural e comunidades reconciliadas.

Perguntas para reflexão

1. O que o reconhecimento da importância da terra/do território para a identidade e de como isso sempre fez parte das intenções de Deus significa para as práticas cristãs de reconciliação e restauração na atualidade?
2. De que maneiras a igreja de Babel, que representa o império e a conquista, pode ouvir e aprender com o resto da igreja? O que significaria realmente ouvir? Como somos chamados a irmos além de simplesmente pedir desculpas?

Oração

Criador, tu és o Deus da história e da criação. O teu amor, que é tão bom, é refletido na incrível diversidade e na comunidade formada pelas tuas criaturas. Dá-nos graça para denunciar as práticas do império e da

morte que deformam a tua imagem em tua criação e em teu povo. E também para atuar com o teu Espírito em tua obra de reconciliação de todas as coisas para que, na unidade do amor, possamos refletir a comunidade de amor que é encontrada em ti.

learn.tearfund.org

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido.

Sede registrada: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido. Uma companhia limitada por garantia registrada na Inglaterra sob o nº 994339. Instituição Beneficente nº 265464 (Inglaterra e País de Gales)
Instituição Beneficente nº SC037624 (Escócia)

